

# A Semana de Lisboa

Supplemento do Jornal do Commercio

DIRECTOR — ALBERTO BRAGA

N.º 42

Domingo 18 de outubro

1893



OLIVEIRA MARTINS

**E**SCREVER uma biographia de Oliveira Martins é facil; a sua vida, sem ter sido d'uma tranquillidade vulgar, não é todavia tão rica de embaraços e aventuras que desespere a paciencia do biographo. Examinar a sua obra é difficil; d'uma vastidão assombrosa e por igual profunda, d'uma variedade que comprehende todos os ramos do saber humano, para critical-a e perceber-a em toda a sua extensão é necessario medir o talento pela altissima bitóla do auctor, e os talentos d'essa grandeza são raros. Felizes as gerações que podem orgulhar-se de ter possuido um só d'essa medida, que no futuro as represente! Traçar um retrato de Oliveira Martins é inteiramente impossivel; o retrato demanda fixidez de linhas, e não pára um instante essa phisionomia unica e extraordinaria, em que ao historiador succede o philosopho, ao poeta o pensador, ao economista o moralista, ao critico o homem pratico, substituindo-se todos tão rapidamente que se

confundem e convertem o individuo em multidão. Quando o pensamento attinge a actividade propria d'um espirito como o de Oliveira Martins, não ha olhos nem mãos que traduzam graphicamente o seu movimento; aqui e além segue-se e reproduz-se durante breves momentos um traço, uma linha, logo perdida e quebrada por culpa e fraqueza da tarda sensibilidade do espectador. E estes retalhos dispersos e desconnexos são tudo o que póde ficar da analyse de tão estranha organização; ninguém até hoje fez o seu retrato completo, e ousarei mesmo dizer que não será provavel que venha a fazer-se, tão confiado estou na difficuldade de tal trabalho. Perdoe-me o illustre escriptor e meu amigo sr. Moniz Barreto, cujo estudo de Oliveira Martins é, a meu vér, o melhor que tem sido publicado. Agora mesmo o reli e, confirmando o elogio que d'elle fiz em outro tempo, repetindo que o julgo verdadeiro em quasi toda a sua extensão, senão mesmo na totalidade, acrescentarei que é incompleto.

Para demonstrar a verdade da minha affirmação, para demonstrar a impossibilidade de fixar um retrato de Oliveira Martins, não procurarei citações e documentos. Invoco o testemunho dos que, uma vez que seja, passaram os olhos por toda a sua obra e, á maneira dos magistrados que requerem exame directo para instruir os seus processos, requeiro tambem o exame do photographo. Nunca vi dois retratos iguaes de Oliveira Martins; ha em todos um innegavel parentesco, um ar de familia, como é uso dizer-se, mas, se nos caracteres phisicos procuramos um reverbero da sua alma, uns dirão ironia, outros audacia, outros rigidez, e todos ficarão perplexos, presentindo o quer que seja vago, fluctuante, indecifrável que nos escapa.

Talvez assim, discorrendo sem methodo nem proposito de concluir, chegassemos a determinar um dos caracteres dominantes da phisionomia de Oliveira Martins; talvez esta successão de estados d'alma, illuminados todos com igual intensidade, todos igualmente e superiormente lucidos, talvez esta mobilidade dentro d'uma actividade e d'uma luz constantes seja um dos elementos substanciaes do seu espirito. Mas não é agora o melhor momento de o estabelecermos. . . Sejamos methodicos.

## I

Não merece a pena pararmos a apontar os incidentes da vida de Oliveira Martins, d'essa vida que chamarei exterior, para a distinguir d'uma outra, interior, da vida do seu espirito, da formação do seu pensamento e da sua alma. Não que a primeira seja menos honrosa que a segunda; pelo contrario, é uma pagina nobre da sua existencia, um dos mais valiosos dos seus pergaminhos. Mas pôde reduzir-se a muito pouco; é por sua natureza tão breve como brilhante.

Nasceu em Lisboa e ahi passou a mocidade, ora nos collegios e escolas, ora trabalhando para viver, que para elle os meios de vida economica não abundavam.

Ainda muito novo, tendo já perdido seu pae, com familia a seu cargo e nenhuns meios de existencia ou quasi nenhuns, não se deixou ficar pelas arcadas do Terreiro do Paço, atulhando de memoriaes a farta sobrecasaca dos conselheiros, esperando com resignação as boas graças dos ministros d'el-rei, pedindo a esmola de que em melhores tempos foi tão prodigo o *Diario do governo*. Só do seu braço e do seu esforço confiou o pão de cada dia, e iremos encontral-o, ora voluntariamente desterrado durante quatro annos, entre mineiros, na árida e nua Estremadura hespanhola, ora entre os humidos pinheirões do nosso Minho sombrio, construindo uma via férrea, sem temer o sol, a chuva, as intemperies, em contacto intimo com a gente rude e com a natureza vivificante. Depois, tendo entrado na politica, voltou para Lisboa. Poucos cargos publicos tem exercido, e esses mesmos por pouco tempo. O homem de letras tornou-se dominante; é elle quem lhe consome a maior parte do seu tempo é lhe dá a principal occupação.

Não querendo insistir na significação de nobreza que a sua existencia independente importa, n'um paiz habituado a viver das esmolas, em que a mendicidade é geral desde as creanças que nas estradas, entre os campos, perseguem os viandantes, até ás secretarias d'estado, herdeiras directas e reconhecidas da clientela dos conventos, voltando a pagina para tirarmos dos olhos do publico este vaso sagrado da dignidade, tão recatado e intimo que todo o olhar estranho o offende, ainda mesmo quando é de respeitosa admiração, uma coisa notei na vida de Oliveira Martins que me parece caracteristica: é e que, fossem quaes fossem as condições economicas da sua existencia, nunca influiram na actividade do pensador; trabalhou e escreveu sempre. Se ha vocações, esta é uma d'ellas; a preocupação das cousas do espirito, a sede de saber e de alcançar a verdade assim como um ardente desejo de realisar-a sobrelevam n'elle a todos os embaraços da

existencia, antepondo-se-lhes e revelando-se predominantes.

É este o traço que convém guardar e fixar n'esta primeira parte da sua biographia.

## II

Primeira, sim, pela ordem natural, por se anticipar aos demais modos de existencia, por se manifestar anterior a qualquer outra e evidente para os olhos mais vulgares como para os mais penetrantes; primeira por ser uma realidade palpavel, mas secundaria, muito secundaria, n'uma organização em que a chama interior do pensamento amesquinha e escurece os frouxos lampejos da existencia physica. Mais alta e mais luminosa, desprendida da miseravel condição humana, a vida de Oliveira Martins é a vida do seu espirito e está marcada indelevelmente na obra gigantesca em que deixa memoria da sua propria grandeza e padrao de orgulho da geração que o possuiu.

Pôde desvairar-nos um instante uma critica estreita e a paixão momentanea, mas, se reflectimos e nos deixamos dominar d'uma justa e serena imparcialidade, a obra de Oliveira Martins mostra-nos com uma evidencia esmagadora um espirito superior.

Um homem que estudou os fundamentos e a historia da sua nação e da sociedade em que vive, que d'este caso individual passou ao estudo da humanidade, desde a sua base animal até á florescencia abundante que foi a sociedade romana, tendo passado por minucioso exame singular a historia da religião, da riqueza e das instituições primitivas, e que d'ahi deduziu regras de vida pratica e tirou ensino para a solução dos problemas sociaes contemporaneos, pôde dizer-se que percorreu todo o caminho que é dado percorrer ao pensamento humano; não houve região em que não penetrasse, não houve segredo cuja existencia ignorasse. E, se o fez profundamente, se caminhou esta longa estrada atentando bem nas trevas cerradas e nos campos luminosos que a ladeiam, se caminhou d'olhos abertos e pôde communicar aos estranhos as innumeraveis impressões d'essa jornada, que a humanidade repete sempre sem fadiga, com uma obstinação que é inseparavel do seu destino, esse homem foi incontestavelmente um dos mestres do seu tempo. Ora é certo que Oliveira Martins pertence a esse limitadissimo numero; prova-o a vastidão da sua obra e proval-o-á tambem a confissão dos seus contemporaneos que sinceramente quizerem dizer que impressão lhes deixou a leitura da *Bibliotheca das Sciencias Sociaes* e particularmente da *Historia de Portugal* e da *Historia Romana*.

Esses livros foram para nós uma revelação. Li a *Historia de Portugal* ha treze annos, conforme o velho



costume universitario, curvado nos bancos da aula, o livro sobre os joelhos, em quanto o lente fazia a prelecção; e lembram-me bem as palestras e as discussões entre os meus camaradas, a nossa surpresa e admiração, vendo Affonso Henriques de punhal nos dentes, quasi um bandido, e sabendo manchadas de pirataria e origem de ruínas as navegações e conquistas que a tradição nos dá como immaculada gloria. Mais tarde veio a *Historia Romana*, e uma nova lição nos foi dada, em que se nos ensinava a ligar o passado e o presente, em que se nos mostrou como o ultimo estava já no primeiro, com todas as suas duvidas, com todas as suas penas, com todos os seus elementos de grandeza ou mesquinhez. Hoje que são passados alguns annos depois que recebemos a lição, facilmente nos esquecemos do mestre e facilmente nos parece banal o que ha pouco consideravamos uma nova descoberta. Para aquelles porém a quem a memoria não atraiçoa, Oliveira Martins ficará sempre o primeiro dos educadores da sua época.

Se no tumulto e confusão, que são o natural apagnio da vastidão e da fecundidade, alguma faculdade realça é a de representação, ou melhor, da reconstrucção psychologica, o dom de restaurar e de reanimar, para apresental-o aos estranhos, o espirito alheio. Esta intuição psychologica é a faculdade dominante de Oliveira Martins e ultimamente revelou-a brilhantemente nos *Filhos de D. João I*. É por meio d'ella que nos ensina a historia, fazendo representar os homens no scenário que lhes convém, em lugar de narrar factos e espalhar-se em descripções, como é proprio da chronica. Assim nos captiva a attenção; temos deante de nós um theatro; nem ouvimos um orador nem uma narração singela e descuidada. A faculdade artistica casando-se com o conhecimento dos factos completou o historiador.

Outro tanto não direi dos seus trabalhos de exposição scientifica. Ahi os instinctos de artista e as preoccupações philosophicas, que na historia o auxiliam, prejudicam-n'o. Exorbitando dos limites das verdades certas e demonstradas, entra afoitamente na emaranhada floresta de problemas que as sciencias sociaes encerram e, deixando transparecer intuitos philosophicos, toda essa parte da sua *Bibliotheca* é tanto uma lição de philosophia como de sciencia. Fica d'esse modo fóra do alcance do maior numero; o que não lhe prejudica o merecimento, é de vér. Particularmente os *Elementos de chromatistica* são um trabalho originalissimo e do maior valor, sem precedentes na litteratura estrangeira.

É forçoso ser breve; não cabe em tão summaria resenha, e muito menos ainda na minha capacidade, apontar as variadas aptidões de Oliveira Martins reveladas na *Bibliotheca das Sciencias Sociaes*. E por isso,

para concluir, registarei apenas a impressão geral que essa publicação deixou.

Muito antes de concluida, os creditos de Oliveira Martins estavam firmados; unanimemente, pôde dizer-se sem exaggero, era reconhecido como um escriptor de profundissimo saber, como um grande educador da sua geração e principalmente como um notabilissimo historiador. Mas, quasi unanimemente tambem, era tido como um pessimista, depreciando systematicamente o passado e o presente, as acções mais applaudidas e os homens mais louvados, sem que d'um modo positivo e terminante nos tivesse dito ainda o que para o seu espirito representava a sociedade ideal. N'um paiz que do dogmatismo jesuitico saíra sem transição para o dogmatismo politico, representado na liberdade, a critica e a analyse revelando a face multipla dos homens e das cousas era tida como um principio de negação. E essa suspeita, ha muito latente, confessava-se abertamente quando o *Portugal contemporaneo* nos mostrou anarchia, desordem e os mais vis interesses na epopéa liberal que sonharamos um heroico martyrio — suspeita que se manteve até que em 1885 a *Politica e Economia nacional* lhe veio pôr termo, mostrando-nos d'um modo preciso, que excluía toda a duvida, o programma politico de Oliveira Martins.

### 111

Este anno de 1885 marca uma nova era na existencia de Oliveira Martins; termina a sua vida de estudo e abre um novo periodo, este agora de acção na politica, pelo jornalismo e pelo parlamento, e mais tarde, durante certos mezes, como ministro da corôa. Divisão só apparente, não duvidarei affirmal-o, por extravagante que tal juizo pareça; porque nem a politica destruiu ou sequer desvairou o historiador — pelo contrario, exaltou-o; provam-n'o os *Filhos de D. João I* em que a benefica influencia da experiencia politica é manifesta — nem o seu papel de educador terminou.

Não são por certo as numerosas leis e decretos, as muitas réformas, como se diz em vulgar, e muito menos ainda os numerosos despachos de amigos e afilhados para os logares publicos, a larga distribuição das prebendas politicas, que mostram a influencia individual sobre a sociedade politica; fóra d'essa influencia, tão pequenina como ephemera, e muito superiormente a ella, está a d'aquelles que sem outras armas que não sejam a persuasão, a critica e o saber movem os homens e indirectamente determinam o movimento das cousas. Encarada assim a influencia politica, ninguem do nosso tempo a teve superior á de Oliveira Martins. Foi elle quem apossou a quédá do ultimo gabinete Fontes, analysando na *Provincia*, jornal que creára no



Porto, os erros da sua administração, tornando conscientes e reflectidos os males que o paiz sentia instinctivamente e activando por isso o desejo de lhes pôr termo; foi elle quem nos iniciou na politica de protecção industrial e de fomento economico, em contraposição ás liberdades de todo o genero em que a sociedade portugueza dissolvía — e dissolveu por largos annos, infelizmente — todos os vinculos e todos os elementos de cohesão que poderiam conserval-a estavel e homogenea, educando a critica economica e politica, seguindo passo a passo a nossa administração. Foi elle quem nos ensinou a respeitar a tradição e a dar-lhe todo o peso e valor que realmente lhe cabe; foi elle quem nos ensinou a contar, mostrando-nos a importancia dos numeros e a necessidade de observar, sob pena de ruína, o movimento da riqueza d'um paiz, tão exacta e escurposamente como se fosse uma casa commercial; foi elle finalmente que, alliando o exemplo á propaganda, nos deu com o seu projecto de lei sobre o fomento rural a mais notavel base de reforma que a historia do regimen liberal regista entre nós, depois dos decretos de Mousinho da Silveira e do codigo civil.

Que as suas ideias não se tornassem em toda a sua latitude uma realidade nas instituições e nos costumes, importa pouco para avaliarmos a sua influencia; contrariadas pelo desregramento de costumes e por causas historicas que era impossivel aniquilar rapidamente, ficaram todavia no espirito publico como a medida da justiça e sã razão, e tanto basta para devermos consideral-as dominantes. Oliveira Martins não transformou nem podia transformar os homens do seu tempo, a que foi confiado o governo da nação; não podia apagar dos corações as ruínas sementes que um máu acaso n'elles tinha lançado; mas podia pela critica lavar-lhes a sentença de condemnação e moderar assim a grandeza dos nossos males, legando aos vindouros uma lição proveitosa, e ahi a sua influencia foi preponderante.

D'este modo, a vida de Oliveira Martins, que apparentemente se nos mostra cortada cerce em dois periodos diferentes e quasi oppostos, um de repousada paz de estudo, o outro de tórva agitação politica, transformação que o roubou á tranquillidade do seu lar e á admiração geral para, em proveito da sua terra, o expôr ás intrigas e ás infamias dos mercadores politicos, sob aspectos superficialmente tão diferentes a sua vida conservou-se d'uma unidade perfeita. Na febre das vigílias ou entre as paixões politicas, tem sido sempre o mesmo e o melhor dos educadores da nossa geração, ensinando-nos a pensar e a observar e instigando-nos ao cumprimento do dever de que no proprio sacrificio nos dá o exemplo.

IV

Essa influencia politica e social de Oliveira Martins

crece ou diminue? Se me é dado aventurar-me a previsões, direi que é possível, e até provavel, que a influencia de Oliveira Martins afrouxe um momento, mas que não ficará por isso prejudicada a gloria do seu nome. Os tempos correm adversos ao seu criterio philosophico; a renascença idealista é certa e, se houve espirito receioso de illudir-se, se houve quem temesse afirmar foi Oliveira Martins.

Elle mesmo se encarrega de nos definir o seu criterio n'esta pagina do bello estudo que precede a edição completa dos *Sonetos* de Anthero de Quental; ... eu, como critico, observando que o pensamento humano, desde que existe e trabalha, progride sempre, com effeito, mas progride em tres estradas parallelas, que, por serem parallelas, nunca podem encontrar-se, atrevo-me a affirmar a irreductibilidade do mysticismo, racional ou imaginativamente concebido, e do naturalismo, ponderada ou orgiacamente realiado. Atrevo-me a dizer que estes dois feitos ou temperamentos são constitucionaes do espirito humano, e que da coexistencia necessaria d'elles resulta um terceiro — o sceptico, o critico, o que provém da comparação de ambos, e por isso não tem côr, nem é affirmativo; dando-se melhor com a natureza do que com a phantasmagoria, preferindo a harmonia mais ou menos equilibrada, ou mais ou menos claudicante do hellenismo, á orgia desenfreada dos orientaes; considerando a existencia como um compromisso, o dever como uma condição da vida, mas tambem a fraqueza como uma condição dos homens.» Ora nós vemos que a uma epoca de scepticismo philosophico vae succeder uma outra de resurreição religiosa; a uma epoca de negação vae succeder uma outra de affirmação positiva. Todos os symptomas a annunciam. Na batalha entre a Razão e o Sentimento, as probabilidades de victoria são por este ultimo; a humanidade renega o saber pela felicidade e, não tendo podido encontral-a no racionalismo, menospreza-o. É claro está que as obras que nos desvendaram os olhos de illusões, sem por isso nos augmentarem a felicidade, seja qual fôr o seu valôr, soffrerão, n'um futuro que se annuncia proximo, um momento de esquecimento, um breve eclipse.

Mas não é por ahi que havemos de aferir o seu merecimento. Este ha-de medir-se pela relação entre as obras e a sua epoca, pela significação d'aquellas relativamente á sociedade de que provinham e a que eram destinadas e ainda principalmente pela significação que têm como documentos da capacidade humana. D'este modo, Oliveira Martins ficará no futuro como um dos mais proeminentes vultos, e o mais extraordinariamente fecundo espirito do seu tempo.

Caldas da Felgueira, 3 de outubro de 1893.

JAYME DE MAGALHÃES LIMA.



## POLITICA SEM POLITICA

Foi a segunda semana dos mestres d'obras!

Andava-se por ali a apregoar, que o fundo da nossa ruína eram os roubos, malversações e outras traficâncias da nossa administração pública. Apontavam-se os altos réus de raças façanhas, e que até, alguns, mais de uma vez pareciam haver sido surpreendidos, como vulgarmente se diz, com a bocca na botija.

Tudo engano!

O sr. ministro das obras publicas, com a mais indomita coragem, resolveu-se a tirar o caso a limpo, e secundado pelo juiz Veiga, tudo ficou liquidado, com honra para a nação.

Por junto, todo o nosso tão fallado Panamá reduz-se a trez ou quatro mestres d'obras, que perpetraram o *gancho* profissional, levando para casa quatro sarrufos de madeira e duas dúzias de tijolos.

E ainda bem que os levaram e isso se verifica, pois se o não tivessem feito, ainda a estas horas estariam, no mundo das suspeições, pagando os innocentinhos por estes terríveis bandidos, que, se os deixassem, seriam capazes de esgotar as forças vivas da nação, banquetando-se sardana-palesticamente com os tijolos da publica administração.

Ah! justiça, justiça! Não, não és uma palavra vã!

Impolitico.



## CHRONICA ELEGANTE

No principio de agosto appareceu na praia da Ericeira uma franceza elegante, formosa, esbelta, de lindos olhos azues e de cabellos finos e louros como os da *Mimi Pinson*, de A. Musset.

*Mimi Pinson*  
*Etait une blonde*

Installou-se em uma das melhores habitações da praia. Pela manhã, ia sentar-se solitaria sobre os rochedos mais distantes, e ali ficava horas e horas esquecida a lér, e a contemplar o oceano. Em noites melancolicas de luar, abria a janella da sala; e os pescadores que então passavam para o mar, paravam um instante como extasiados, ouvindo-a cantar ao piano a aria triste da *Mignon*.

*Connais tu le pays*  
*Ou fleurit l'oranger?*

Sube-se depois que uma velha e discreta criada, que ás vezes a acompanhava, lhe chamava familiarmente madeiroelle *Mimi*.

É, pois, á mysteriosa e loura estrangeira que attribuímos e agradecemos a seguinte carta:

O Ericeira, Ericeira! C'est toi que je veux chanter aujourd'hui. Je te chanterai en prose, car dans ce siècle prosaïque, la langue d'Apolon et des nymphéides n'est comprise de personne. Et pourtant, certes, tu mériterais bien qu'on accorde en ton honneur la lyre du poète. Tu mériterais bien une ode, o Ericeira; que dis-je, une ode? une élégie, ou plutôt une bucolique, ce qu'il y a de plus pur en poésie, de plus simple, de plus agreste. Oui, une bucolique, car tu es simple, Ericeira, car tu es le cœur pur et tu es vertueuse; et le flot du monde passe à côté de toi et te dédaigne.

Où va-t-il, ce monde insensé? Il va dans ces plages à la mode, où la valse impure trône dans les casinos, où le démon du jeu exerce le soir et quelquefois le jour ses ravages, où les pick-nicks rassemblent des promeneurs de sexe différent; où l'on flirte, ô horreur! où l'on fait des toilettes suggestives dont la vue trouble le cœur des célibataires, race trop prompte à la tentation. Sur ces plages là, les langoustes sont hors de prix, et les propriétaires prennent un grand nombre de mil reis pour une maison qu'ils disent meublée, mais qui ne contient que quelques chaises boutées. La voilà, l'immoralité du siècle! Mais toi, Ericeira, tu ne penses pas ainsi, heureusement. La vertu, chassée de partout, s'est réfugiée sur ton sol béni.

On le devine d'ailleurs en entrant dans ta ville toute blanche, si propre à l'œil, où chaque maisonnette respire l'ordre, le bien-être, et la simplicité des vieux âges.

On y lave, on y frotte, on y repeint les murs à la chaux dès que la moindre tache vient à apparaitre. Car on ne veut pas de tache à Ericeira; et c'est un symbole, sachez-le, o poètes symbolistes qui m'écoutez, moi humble prosateur qui parle en ce moment. Les propriétaires de maisons y sont tous vertueux: vous demandez huit lits, ils vous en offrent dix. Les chaises sont solides, comme leurs principes; aucune crainte de faire une chute; il y a de vrais meubles, de vraies batteries de cuisine, la verrerie, la vaisselle: ces choses sont prosaïques, mais nécessaires. J'écris d'ailleurs moi même en prose, et je reste terre-à-terre, quoique mon cœur déborde. O joie! ne devoir rien apporter avec soi aux bains de mer!

Trouver un homme bienfaisant, qui vous dit: Monsieur, tout ce qui est à moi est à vous. Et les toilettes simples, un peu défranchies peut-être, et de mode ancienne des promeneuses! Comme elles reposent l'imagination! Et les costumes de bains auxiliaires qui témoignent que la fatide coquetterie est inconnue dans cette ville!

Il y a un casino, sans doute, mais ce sont des journaux qu'on y trouve; et dans un salon, un piano, au dessus duquel une pancarte mélancolique indique toujours: valse, polka; mais c'est pour plus tard.

Il y a, croyez-le, des distractions. Un prestidigitateur est venu; il a fait le soir quelque tours de passe-passe. On l'a applaudi; il a fait disparaître bien des choses à nos yeux ravis, mais il n'a pas fait disparaître la vertu de cette terre. C'est un plaisir honnête que celui d'assister à des séances de prestidigitation; l'esprit est satisfait sans fatigue, et les battements du cœur ne s'accroissent pas au delà de ce qui est permis.

A quoi donc passe-t-on le temps à Ericeira? Tu le demandes, ô homme blasé, qui recherches les émotions dévorantes des plages à la mode? On a le bain du matin, et le premier déjeuner; puis on va voir arriver les barques de pêcheurs qui apportent le poisson: on le choisit et on l'achète soi même; puis le déjeuner de midi; puis la journée sur la plage, à bâtir, comme des enfants, des fortresses avec le sable. Le sommeil parfois aussi; la lecture qui distrait du sommeil ou qui l'amène, suivant le cas. Le dîner; puis à 4 heures, tout le monde dort. Heureuse simplicité! Charmante paréte des mœurs antiques!

Mais cette plage est si belle; de hautes falaises la ferment de toute part; la ville, qui s'élève à droite, est toute imprégnée des exhalaisons de l'océan. Cette poussière d'écume blanche, que la vague si forte lance en vapeur, on l'aspire toute la journée; le corps prend son bain de mer le matin, mais les inhalations salées sont de tous les instants; c'est l'âme elle même, si je puis dire, qui s'imbibe de sel. Et les belles nuits de clair de lune, qui pourra les faire connaître à ceux qui ne les ont pas vues!

Mais Ericeira a des rivales redoutables: la calomnie n'a-t-elle pas prétendu qu'on ne trouve pas de poisson sur cette plage? On l'a si bien, qu'on peut et qu'on doit le choisir soi même. Mais Ericeira est loin de Mafra; Ericeira est loin de Cintra. Et c'est une route bien dure à certains endroits que celle qui conduit de Cintra à Ericeira. Cette route sera-t-elle réparée bientôt? Pauvre Ericeira, on l'oublie, on te néglige, car je la répète, tu es vertueuse, et les hommes préfèrent trop souvent le plaisir à la vertu.

Mais dis-moi; serait-il vrai qu'un jour tu te lasses de te voir si



peu comprise, et si mal récompensée de tes mérites? Serait-il vrai que tu voudrais imiter les plages à la mode, et que des idées impures pourraient un jour altérer ta conduite virginale? Oh! non, tu ne feras pas cela. J'en atteste la blancheur de tes maisons, la pureté de ton air vivifiant. Tu ne succomberas pas à la tentation de l'exemple. Tu garderas tes propriétés servables, tes baigneurs souriants, ton casino paisible. Tu ne voudrais pas avoir ce que l'on nomme ailleurs des saisons brillantes. Sur ton sol béni, les belles langoustes coûtent moins de cent réis, et elles en sont fières, les langoustes. Elles rougiraient, avant même d'être cuites, si elles devaient être payées plusieurs centaines de réis peut-être, quand les mœurs seraient venues à changer. O Ericeira, je t'en conjure; fais toujours venir des prestidigitateurs, cela suffit et cela est bien. Que jamais tu ne rêves de voir dans tes murs la belle Geraldine ou la belle Chiquita! car le sommeil alors fuirait bientôt ta paupière. Ou, du moins, si tu devais un jour, ce que je ne souhaite pas, étant ton ami, si tu devais changer tes mœurs simples, que ce ne soit pas avant deux ans; car je compte bien l'année prochaine, si je puis, retourner sur ta plage hospitalière.

Misa.



### As joias de D. Ignês de Castro e o calice d'Alcobaça

Ha justamente um século quem passasse por Alcobaça e tivesse entrada no famoso mosteiro da ordem de S. Bernardo, não lhe faltaria com que satisfazer a sua curiosidade de archeologo e de artista. O edificio, já de si um monumento grandioso, era um rico e variado museu, cheio de recordações historicas e de preciosidades de toda a especie. A bibliotheca faria o encanto d'um erudito, não só pelas suas raridades bibliographicas, como pela valiosissima collecção de manuscritos, alguns d'elles caprichosamente illuminados. Os quadros, dissimulados pelo edificio e pela egreja, sobretudo os que adornavam a capella dos noviços, formavam uma galeria, que era por ventura a mais notavel do paiz. A sacristia era um inspreciavel thesouro pela antiguidade, pelo valioso da materia e pelo primor d'artificio de seus vasos e alfaias. Alguns d'esses objectos filiaram a sua prosapia historica nos despojos castelhanos da batalha de Aljubarrota. Outros vinham das mãos dadas das primeiros monarchas. Bedford e Murphy — para não citar outros testemunhos — deixaram bem consignada nos seus livros a impressão de grandeza que lhes deixou Alcobaça.

Uma das curiosidades, verdadeira joia de ourivesaria, que os frades bernardos mostravam com muito orgulho ao viajante, era um calice de ouro, delicadamente cinzelado, e sobre a origem do qual debalde quebraram a cabeça os eruditos do século passado. Lavrado de meio relevo, completava-se a sua opulenta ornamentação com esmaltes e pedras preciosas. O seu peso era de 9 marcos, 7 onças e 4 oitavas. Por occasião da extincção dos conventos, este calice foi trazido a Lisboa, e ficou depositado na Bibliotheca Publica, d'onde desapareceu, ao que se conjectura, para sempre. O ladrão, para apagar o menor vestigio do crime, só pensou no valor material, destruindo uma peça de extraordinario valor artistico. O que é para sentir é que d'ella não tivesse ficado um desenho, ou pelo menos uma descripção minuciosa, por onde podessemos fazer uma ideia, quanto possível approximada, do seu estylo e da época em que foi executada<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Pela extincção dos conventos, o calice foi recolhido na sub-prefeitura de Lamego, que o enviou para a Casa da Moeda. Vinha em fra-

D. Raphael Bluteau, o insigne philologo, teve occasião de examinar o calice, mas considerou-o mais como um problema cabalistico, do que como objecto de interesse puramente esthetico. Não foi tanto o trabalho de artista que o prendeu como a originalidade da inscripção gravada no vaso. Aquellas letras distribuidas mysteriosamente, prestando-se ás mais caprichosas interpretações, foram para elle como o segredo d'uma esphinge, que esperava o seu Edipo. E o erudito frade do Oratório não se acobardou com a interrogação sybilla e imaginou ter resolvido satisfactoriamente aquelle terrivel problema epigraphico.

Em 1713 os theatinos festejaram na sua casa em Lisboa a canonisação de Santo André Avelino, e, segundo a praxe, coroaram a cerimonia com um certamen litterario, que durou dois dias. O primeiro foi consagrado a uma junta poetica, em que os lidadores de Apollo receberam oito premios; o segundo foi dedicado a uma assembleia d'outro caracter, puramente academica, em que se tratou de decifrar a inscripção do calice alcobanac. Propozera a these o proprio Bluteau, que leu uma larga dissertação sobre o assumpto, em que dispendeu não menos de duas horas. Em seguida leu o seu papel D. Manuel Caetano de Sousa, a quem foi concedido o premio: a imagem de Edipo victorioso e á sua vista a esphinge vencida e precipitada.

O trabalho de Caetano de Sousa não sabemos que recebesse o beneficio da imprensa: o de Raphael Bluteau vem nas suas *Prosas Portuguezas* sob a designação de *Prosa Enigmatica*. Bem applicado titulo! O leitor não perderá de todo o seu tempo se recorrer áquelle volume, porque terá ensejo de apreciar as qualidades do estylo e os recursos imaginosos, a par do profundo saber, do illustre auctor do *Vocabulario*.

Bluteau discreateia sobre a sciencia da cabala e faz d'ella applicação ás letras do calice. Depois de muito cabecear sobre o assumpto, o acaso fez-lhe descobrir duas palavras e isto lhe serviu de guia no labyrintho. Não nos revelou, porém, o segredo da sua descoberta, e porisso não nos é dado avaliar quanto se deva julgar provavel, já não diremos inallivel, a solução que elle deu ao problema. O calice continha 137 letras esmaltadas na circumferencia e na garganta, formando-se portanto com ellas duas inscripções distinctas, uma mais extensa, de caracter puramente religioso, que dizia respeito á consagração do calice, outra de caracter historico e artistico, que ornamentava a garganta. Esta é a que nos interessa e aqui a reproduzimos:

*Ioakim Kludphik Fudi, Bolduk. A. D. Mil C. LXXXVII.*

Em seguida á sua *Prosa Enigmatica* Bluteau publicou outra interpretação, que lhe enviou um anonymo, magnifico charadista ao que parece. Eis a sua advinhação:

*Hyeronimus Ioachin Operator Domini regis fecit calicem hunc Kalendas Octobris ex iussu Bernardi Abbatis Gubernatoris Mnasterii Alcobaiae nove erecti invocationis Sanctae Mariae Virginis verè initiati nostro tempore.*

gientos, e, na viagem de Lamego a Lisboa, já lhe tinham diminuido alguma coisa no peso. De 10 marcos, 3 onças e 2 oitavas passou a ter 9 marcos, 7 onças e 4 oitavas. Uma portaria de 20 d outubro de 1835 mandou-o entregar ao museu da Bibliotheca Publica. O sr. Teixeira de Aragão, que consultou o archivo da Casa da Moeda, publicou em nota a pag. 98 da sua *Descripção Geral e Historica* os documentos relativos a este assumpto.



Parece-nos supérfluo fazer a analyse e a critica d'estas interpretações, que se poderiam multiplicar indefinidamente, segundo a phantasia de seus auctores, sem que nenhuma, a não ser por acaso, correspondesse á verdade historica. O que nos admira é como um homem tecnico, como era Murphy, se limitasse a traduzir a memoria de Bluteau, adoptando a sua conclusão como a que tinha mais grau de probabilidade.

Bluteau transmittre-nos a tradição encontrada que ácerca do calice corria no convento. Não menos de tres versões, qual d'ellas a mais contradictoria: uns diziam que elle fôra doação de D. Affonso Henriques, ou de seus immediatos successores; outros que fôra fabricado com as joias de D. Ignez de Castro, com que D. Pedro gratificara o convento; outros emfim que fôra dadia de D. Manuel. Haveria fundamento para alguma d'estas versões? Vejamos.

A interpretação de Bluteau é a que mais se conformava com a primeira, pela época que lhe designava. Duas maneiras havia de fazer a confirmação: ou por algum documento comprovativo ou pelo exame directo do calice.

O ladrão que o roubou deixou ficar a patena, que ainda existe, e se esta effectivamente lhe pertencia, o calice não poderia ser de modo nenhum do seculo XII. As obras d' aquella época ou são do estylo gothico primitivo ou conservam ainda as feições bysanthinas. O caracter estylistico da patena é muito differente; e se não é renascença pura, para lá caminha<sup>1</sup>.

A parte documental tambem não favorece a hypothese de Bluteau. Existe um inventario da sacristia de Alcobaça dos principios do seculo XVI, e se lá se archivasse similhante preciosidade, não deixaria de ser devidamente especificada. Fez-se menção com effeito de dois calices de ouro, mas não nos parece que qualquer d'elles corresponda ao objecto em questão: Um d'elles, o grande, com a sua patena, de pedraria, lavrado de fina grana com aljofres, faltando no pé nove pedras e na maça dezenove. Do aljofre não se fez conta por ser muito miudo. Do pequeno só se diz que é todo cheio, ou de pedraria ou de aljofre. Ambos elles muito ricos e muito reaes.

SOUSA VITERBO.

(Conclue.)



## Anniversarios da semana

**Domingo 15** — As sr.<sup>as</sup>: Viscondessa de Bessone, D. Rosa Maria Sampaio d'Almeida da Camara Manuel, D. Leonarda Theresa Pereira Forjas, D. Maria Jorge de Sousa Cyanciros.

E as sr.<sup>as</sup>: João de Sousa Canavaro (Arcossó), Pedro Cerqueira Feyer (Boa Vista), Francisco Antonio da Veiga.

**Segunda-feira 16** — As sr.<sup>as</sup>: Viscondessa da Torre da Murta, D.

Marianna Julia da Silva Pereira (Antas), D. Perpetua Moreira Marques, D. Amelia Adelaide Mariz Sarmiento, D. Maria Ignacia de Sousa Neto.

E os sr.<sup>as</sup>: Arcebispo Primaz, D. Antonio José de Freitas Honorato, Conde da Vidigueira, Conde de Ariz, Visconde de Pereira Machado, Antonio d'Albuquerque do Amaral Cardoso (Amparo).

**Terça-feira 17** — As sr.<sup>as</sup>: Condessa da Esperança, D. Anna de Carvalho Ayres Valdez, D. Maria da Graça Garção de Moraes, D. Maria Carolina Delgado, D. Maria Ignacia de Sousa Netto.

E os sr.<sup>as</sup>: Conde de Font'Alva, Conde da Esperança, Dr. Francisco Antonio Pinheiro da Fonseca Osorio (Arceiros).

**Quarta-feira 18** — As sr.<sup>as</sup>: D. Beatriz Gentil Baeta Neves (Louredo), D. Carolina Candida Cabral, D. Anna Candida Pereira Falcão, D. Maria Ignacia Brasmcamp de Mattos Fernandes.

E os sr.<sup>as</sup>: Arthur Peixoto Ferreira Jordão (Landal), Dr. Antonio Xavier d'Oliveira Barros Leite, Diogo Freitas de Mello e Castro, José Severo Tavares.

**Quinta-feira 19** — As sr.<sup>as</sup>: D. Leonor Amelis Vieira de Mendonça (Abrigada), D. Maria Julia Travassos Valdez (Bomfim), D. Maria das Dôres Sequeira de Moraes Sarmiento, D. Leopoldina da Costa Sousa Pinto Basto de Carvalho, D. Anna Joaquina da Silva Carvalho, D. Eugenia de Arbués Moreira, D. Maria Amalia da Rocha Arbués Moreira.

E os sr.<sup>as</sup>: Conde de Rezende, Barão de S. João d'Arcas, D. João da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitella), D. Ruy Vaz de Siqueira Freire (S. Martinho), D. Fernando de Sousa Coutinho (Redondo), José Ricardo Travassos Valdez (Bomfim), Dr. José Ferreira Garcia Diniz, Pedro d'Alcantara Quintella Emaux.

**Sexta-feira 20** — As sr.<sup>as</sup>: Condessa de Prime, D. Maria Camilla de Mendonça, D. Julia da Ponte Horta, D. Izabel Van Zeller.

E os sr.<sup>as</sup>: Visconde da Costa Veiga, Felix Bernardo Daupias, José Maria de Sousa Horta e Costa, Eduardo Garrido, Albino Montenegro.

**Sabado 21** — As sr.<sup>as</sup>: Baroneza de Ribeiro de Pena, D. Angelica Pacheco de Sequeira Lopes, D. Amelia Herquês.

E os sr.<sup>as</sup>: Visconde de Bovieiro, Conselheiro Caetano Pereira Sanchez de Castro, Luiz Sergio Lopes de Castro, Diogo Pereira de Sampaio Forjaz.



## THEATROS E CIRCOS

*Grillos e Anastacia y C.*, no Gymnasio; *Brasileiro Pancreacio*, na Trindade; *Cofre dos encantos*, na Rua dos Condes, e *Viagem a Suissa*, no Colyseu: eis os espectaculos d'esta semana, e que são a repetição do que succedeu na semana anterior.

Devia abrir-se hontem, em recita especial, o theatro da Avenida, com a *Lenda do rei de Granada*. A emprezaria da companhia é a gentil e graciosa artista Giniia Polonia. O maestro é Cyriaco de Cardoso.

Ora, uma empresa que tem estes dois nomes, pôde considerar-se feliz e contar com um exito constante em todas as representações.

Se basta só a bandeira para salvar a mercadoria, o que succederá sendo essa mercadoria de optima qualidade, escolhida por quem conhece bem o assumpto e o gosto do nosso publico?

No proximo numero falaremos mais detidamente d'este theatro.

## Praça de touros

Hoje, corrida por amadores e em beneficio de uma obra philanthropica. O gado é escolhido, e os lidadores são sympathicos.

Deve ser uma enchente.

SPECTATOR.

<sup>1</sup> Esta patena, que se conservava ultimamente no Museu Nacional de Bellas Artes, foi enviada á exposição colombina de Madrid, onde figurou na secção portugueza. Não se encontrou, porém, no regresso a Lisboa, não se podendo precisar, no que consta, onde teria sido o seu extravio. Triste sina persegue o calice d'Alcobaça!

**ALBERTO BRAGA**

*Cantos da minha terra* (2.ª edição) — 1 vol. 500 rs.  
*Cantos d'aldeia* . . . . . " 500 "  
*Novos cantos* . . . . . " 500 "  
*Cantos escolhidos* (edição luxuosa e  
 ilustrada por Cazanova). . . . . 14000 "

**NO PRELO:**

*A Estrada de Damasco*, comédia em 4 actos, representada no theatro de D. Maria.  
*Chronica de cem linhas*.

À venda na livraria editora Gomes, M. Garrett.

**M. GOMES, Livreiro-Editor**

LIVREIRO DE SUAS Magestades e Altezas

Amigas e amigas para todos os jornais

Homens catalogos de jornais e envie specimens

Livros em todas as linguas



R. GARRETT — CHIADO — 70, 72

**ENXOVAES COMPLETOS**

ARTIGOS DE MODA

**PITTA,** CAMISEIRO  
 LISBOA  
 195, RUA AUGUSTA, 197

**A LA VILLE DE PARIS**

Grande Fabrica de Corôas e Flores

Grand assortimento de corbeilles et plants

**M. LATHALISE**

RUA DO PRINCEPE E PRAÇA DOS RESTAURADORES — LISBOA

Casa filial no Porto: Rua de 84 da Bandeira, 231

**A. GODEFROY**

COIFFEUR, 80 A 86 — CHIADO

**PARFUMERIE**

DES MEILLEURS MAISONS DE FRANCE ET D'ANGLETERRE

ARTICLES de Toilette de Voyage et de Theatre

**JERONYMO MARTINS & F.<sup>o</sup>**

13, RUA GARRETT, 15

**CHAMPAGNE — POMMERY**

ESPECIALIDADES:

QUEIJOS CAMEMBERT E ROQUEFORT

**GUIA ILLUSTRADA DE LISBOA**  
E SUAS CIRCONVIZINHANÇAS

**Este GUIA**, abundantemente impresso em português e francês e magnificamente illustrado com phototypies, é a mais completa que se tem publicado até hoje e é acompanhada de duas planilhas e uma linda planta da cidade. À venda em todas as livrarias.

PRIX D'HONNEURS ET 60 MEDAILLES AUX EXPOSITIONS

**Aux Fleurs de Nico**

246-248, Rua Auren — LISBONNE

BOUQUETS ET PIÈCES MONTÉES

Guarnições para Balas et Soirées

EXPEDITIONS POUR TOUTS PAYS

**A SEMANA DE LISBOA** é distribuída gratis aos assignantes do **Jornal do Commercio**.  
 A livraria Gomes faz uma tiragem em papel especial ao preço de 50000 réis por assignatura annual, e 100 réis avulso. — **Anuncios — 100 réis a linha.**

Editor — Antonio Carlos Antunes — Rua do Belver, 1